Recensões

CRÜSEMANN, Frank. *Preservação da liberdade: o Decálogo numa perspectiva histórico-social,* São Leopoldo: Editora Sinodal/Cebi, 1995, 88 p.

Frank Crüsemann pertence à nova geração de respeitados pesquisadores da Bíblia, no contexto mundial. Nasceu e ensina na Alemanha onde publicou muitas de suas pesquisas em artigos e livros que têm constituído um avanço significativo nos estudos, especialmente do Antigo Testamento. Por sua sensibilidade aos problemas sociais enfrentados pelos países do Terceiro Mundo, Crüsemann mantém um estreito contato com os biblistas latino-americanos, especialmente os brasileiros.

O livro *Preservação da liberdade* é uma de suas mais recentes obras. Nele, o autor demonstra toda a sua atualidade e sensibilidade para com o uso dos Dez Mandamentos na prática pastoral das igrejas. Crüsemann abre essa discussão expondo sua crítica a esse pequeno conjunto de leis, consagrado pelos cristãos como o mais perfeito e abrangente entre todos os códigos de leis da Bíblia. Contra a opinião de muitos eruditos e mesmo das igrejas, ele declara que o Decálogo não pode ser considerado um resumo da ética vétero-testamentária ou, até mesmo, da ética bíblica. Esta deficiência está na ausência de regras referentes aos tabus (p. 8), ao culto, à economia, ao Estado e à atitude para com os desprivilegiados da vida. Diante dessa constatação, o autor faz a pergunta norteadora de seu livro: "qual é a intenção dessa compilação de leis?" (p. 10). A resposta a essa questão constitui-se na tese central desenvolvida pelo autor: "...tanto o contexto em que o Decálogo está inserido no Antigo Testamento quanto seu prólogo – com a auto-apresentação de Deus e a menção de seu nome... 'teu Deus' e a referência ao ato salvífico do êxodo – permitem reconhecer... que se pressupõe a existência de uma relação com Deus e que os mandamentos só têm validade dentro dessa relação" (p. 10). Essa tese vai sendo desenvolvida por Crüsemann de maneira mais objetiva quando ele afirma que só a partir do Deus libertador do êxodo é que podemos entender corretamente os Dez Mandamentos. Tais leis são, para o autor, a salvação, as orientações básicas para a vida (p. 12). Mas aí, ele levanta algumas questões inquietantes: o que tem a ver a proibição do adultério ou a ordem de

honrar o pai e a mãe com o êxodo? Por que falta o tema do comportamento político para com as superpotências e para com os oprimidos e fracos? Diante disso, Crüsemann visualiza duas alternativas para tentar entender os Dez Mandamentos: primeiro, um decreto autoritário e sem fundamentos éticos (conferir o Midraxe Mechilta, na p. 10); segundo, ele pergunta se devemos procurar compreendê-lo a partir do prólogo. Na busca da melhor alternativa, o autor desenvolve sua tese em torno do significado do prólogo para os primeiros destinatários do Decálogo (p. 32-35). Para ele, a legitimidade do Decálogo não está no comando autoritário de um Deus todo-poderoso, mas no fato de Javé ter libertado o povo da escravidão. Para os povos do Antigo Oriente Médio este tipo de autoridade era estranho. Porém, para os israelitas, constituía um peso de valor extraordinário e que legitimava os demais mandamentos. A estrutura interna dos Dez Mandamentos, sobretudo o princípio que determina a seleção e a seqüência dos diversos mandamentos, se tornam visíveis através de uma exegese que os interpreta a partir da ação libertadora de Deus mencionada no prólogo (p. 68).

Por fim, quero restringir-me a três avaliações: (1) o autor trata este difícil e minado tema com uma atraente didática, despertando nos leitores o prazer de retornar ao estudo de uma perícope outrora tratada com certa monotonia; (2) o grande valor dessa obra também é o novo jeito de ler e interpretar o Decálogo. Crüsemann afasta-se da maioria dos intérpretes para propor uma nova hermenêutica. Por fim, aponto para a sua grande contribuição: (3) constitui-se num grande avanço no estudo do Decálogo, bem como das leis do Antigo Testamento, o fato de todos os mandamentos estarem diretamente ligados e motivados pelo prólogo. Ademais, Crüsemann insiste no fato de que a origem destes mandamentos teve um tempo, um lugar e motivos para tornarem-se um código de leis. Para ele, isso representa um argumento contra os que afirmam que os Dez Mandamentos foram criados para ser o fundamento de um código de moralidade universal. Tendo os Dez Mandamentos uma origem e uma intenção localizadas, conseqüentemente poder-se-ão encontrar neles valores e indicativos fundamentais para o bem-viver de nossa sociedade.

Tércio Machado Siqueira

BRASIL PEREIRA, Ney. *Sirácida ou Eclesiástico*. Comentário Bíblico. Sinodal/Vozes/Metodista, 1992.

Esta obra forma parte do Comentário Bíblico Latino-Americano. Pretende ser um comentário prático e pastoral. O autor é professor do Instituto Teológico de Florianópolis, SC. Ele entende o Eclesiástico como a cosmovisão de um sábio judeu no final do Antigo Testamento. Este "final" é datado por volta de 190-180 aC, e o nome do sábio, provavelmente, foi "Joshuá Ben Eleazar Ben Sirá". Daí o nome do livro: Sirácida.

Porém, o autor não pretende só falar do passado do livro. Ele quer também responder à pergunta sobre a relevância do livro para os nossos dias, para hoje.

Assim, nas 252 páginas do comentário, Ney Brasil Pereira enfatiza aqueles aspectos que são mais relevantes no contexto latino-americano: pobreza, machismo, trabalho, situação da mulher etc. O autor não deixa de lado aspectos que, por assim dizer, formam parte praticamente da reflexão mais universal: o amor, os filhos, amigos, conselheiros, doenças, luto, vinho, comida, mulher, filhas, entre muitos outros. Ao mesmo tempo, ele não deixa de abordar os aspectos que tratam de temas um pouco mais "intelectuais": a sabedoria, o bem, a bondade, a verdade etc.

Este comentário foi precedido por alguns artigos do autor: "*A mulher no Sirácida*" (Estudos Bíblicos, 20, 1988); "A escravidão nos Sapienciais" (Cultura Bíblica, 49-50, 1989); "O sentido do trabalho nos sapienciais" (Estudos Bíblicos, 11, 1986); "A casa nos sapienciais" (Encontros Teológicos, 1992, Volume 7, número 2, p. 9-14); "Sirácida ou Eclesiástico – a sabedoria de Jesus, filho de Sirac", (Encontros Teológicos, 1992, volume 7, número 2, p. 34-35); "A educação dos filhos segundo o Sirácida" (Encontros Teológicos, 1993, volume 8, número 2, p. 19-23). Ney Brasil foi também, em colaboração com Lincoln Ramos, tradutor do Eclesiástico na "Bíblia Sagrada" da Editora Vozes.

O comentário começa com uma introdução que trata de aspectos, tais como o título, autor, data, moldura histórica, conteúdo doutrinal, canonicidade e estrutura. Nesta introdução o comentarista afirma que na doutrina do Sirácida se realiza uma síntese entre a Lei que vem de cima (sabedoria divina comunicada a Moisés no Sinai) e a Sabedoria que brota da vida, de baixo, do homem.

Para Ney Brasil, o Sirácida não tem um problema especial em vista; pelo contrário, sua obra seria uma tentativa de harmonizar um vasto conjunto de material tradicional. Deste material se destacam duas tradições: a mosaica, com sua teologia da Aliança, e a sapiencial, com sua teologia da criação. Para o autor do comentário, a combinação destas duas tradições teria como resultado a formulação de uma consistente filosofia de vida. Esta combinação não é original do Sirácida, pois já tinha sido feita no livro de Provérbios.

Ney Brasil é da opinião de que um aspecto importante do pensamento do Sirácida é a sua teodicéia, isto é, a justificação de Deus diante do problema do mal: haveria uma bondade fundamental de todas as criaturas e uma associação constante e harmoniosa dos elementos opostos e complementares, do bem e do mal, como do dia e da noite.

Sobre a retribuição na outra vida, o autor do comentário é da opinião de que o Sirácida não tem nada novo a dizer. Ele simplesmente repete a doutrina tradicional elaborada por outros autores que o precederam. Isto é, além do túmulo, no Xeol, não haveria uma distinção entre bons e maus, para lá descem as sombras dos bons e maus igualmente. A recompensa ou castigo estaria nesta terra: enquanto os bons têm bom nome e honrada descendência, os maus sofrem o esquecimento e a sua descendência é lamentável.

Quanto ao "temor de Deus", que é um conceito central do Sirácida, Ney Brasil comenta que a palavra temor não é o equivalente ao medo, mas ao respeito. Respeito que produz uma "sã piedade, na qual a confiança em Deus não prejudica a seriedade do seu serviço, e a humildade da submissão ao Senhor defende da

leviandade o seu amor". Mas Ney Brasil não explica por que temor aqui é respeito e não medo. Explicação que seria grandemente pertinente se se considera que uma das características do pensamento semítico é praticamente tremer frente a Deus. Assim, o temor frente a Deus, entendido como medo, formaria parte de toda uma tradição vétero-testamentária. Agora a palavra respeito, entendida como substitutivo para temor, mereceria algumas linhas a mais do que as dedicadas pelo comentarista.

De resto, Ney Brasil declara sua pouca simpatia com algumas idéias do Sirácida. Ele cita, como exemplo, a excessiva severidade mostrada pelo sábio judeu no referente à educação dos filhos e, mais ainda, das filhas. Também não vacila em chamar de patriarcais e machistas as doutrinas do Sirácida sobre o casamento e sobre a mulher. Ele nota que está ausente no Sirácida uma discussão sobre como deveria ser o "bom marido" do ponto de vista da mulher. Também ele mostra sua desconformidade com o fato de que não existe nenhuma figura feminina na galeria dos heróis do passado elaborada pelo Sirácida nos capítulos 44-49, contrastando com a menção das anônimas mulheres às quais se entregou Salomão para sua ruína. Sobre tudo isso, Ney Brasil comenta que "tendo nós hoje, graças a Deus, outra perspectiva, mais abrangente e mais justa, sobre a realidade homem-mulher, cabe-nos corrigir e complementar essa visão deficiente do Sábio que, aqui, não soube aplicar o seu princípio do duplo aspecto das coisas, tão importante na sua teodicéia".

Ney Brasil colocou nas mãos do povo cristão mais um livro da série "Comentário Bíblico", para ser lido, analisado, discutido. Ferramenta importante para os líderes comunitários, para os agentes da pastoral, para os que dirigem estudos bíblicos, para pastores e pastoras e, enfim, para todos os que estão construindo a leitura bíblica latino-americana.

Jorge Luis Rodríguez Gutiérrez
Caixa Postal 5151 – Rudge Ramos
09735-460 São Bernardo do Campo – SP